

Narrativa Oral em Debate: uma análise além das palavras do narrador¹

Maria Georgina dos Santos Pinho e Silva²

Resumo: As narrativas orais indígenas foram de grande influência para a composição cultural brasileira, e até os dias atuais divulgam os costumes, as crenças e as tradições das sociedades indígenas. É nesse sentido que as narrativas orais revelam uma flexibilidade que difere a cultura oral indígena de outras, e, ao mesmo tempo partilham que as histórias indígenas não são desprovidas de um padrão de organização. Assim, este estudo tem por objetivo analisar a lenda “O Morceção”, com o intuito de refletir como as tradições culturais vivificam frente ao impacto cultural, além de revelar a *performance*³ do narrador ao contar as histórias presentes na sua memória.

Palavras-chave: Oralidade. Narrador. *Performance*.

Introdução

Na história oficial do Brasil, os feitos e as contribuições dos povos indígenas foram ignorados por serem considerados sem cultura e sem civilização. Esqueceram de que desde as primeiras expedições os indígenas estavam presentes com domínio de técnicas de sobrevivência, sabendo suportar as diferentes situações arriscadas na floresta. Esse pensamento não consta nos livros que ignoraram a contribuição significativa da cultura, da religião, das diversas línguas indígenas, da incorporação de palavras indígenas à Língua Portuguesa, da alimentação e dos conhecimentos da medicina tradicional para a construção e a formação da identidade brasileira.

Observamos que o mundo indígena não poderia ficar fora da história pátria, porque no Brasil a “Amazônia é uma região conhecida exclusivamente por seu componente indígena” (PIZARRO, 2012, p. 194). Gradualmente, o Brasil está reconhecendo o valor dessas contribuições. Surgem novos projetos sobre a multiculturalidade, a educação bilíngue e as narrativas orais indígenas, que se constituem como ferramenta para que a própria comunidade indígena escreva e publique as suas histórias preservadas pela tradição oral.

É nesse sentido que não podemos desconsiderar que as narrativas orais no Brasil estão ligadas, em grande parte, aos povos indígenas e constituem uma prática cultural-identitária que deve ser estudada em conexão com o contexto local. Por ser um país múltiplo e diverso, encontramos rastros da heterogeneidade cultural na dança, nos ritos, na alimentação, no modo de

¹ Este estudo é parte de uma reflexão iniciada em minha dissertação de mestrado “Filigranas de vozes: *performance* dos narradores e o jogo de significados nas narrativas orais indígenas, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Carla Monteiro Souza (UFRR).

² Mestre em Letras, e atua como professora na Universidade Estadual de Roraima - UERR. (georginapinho@hotmail.com).

³ A palavra *performance* grafada em itálico é de acordo com Zumthor, no livro Introdução à poesia oral, 2010.

falar e na vida cotidiana de indígenas e não indígenas. Graças às tradições orais é possível manter vivos os acontecimentos dos tempos primordiais para as gerações seguintes.

Exemplificando, no estado de Roraima, a sociedade indígena tem conquistado o seu espaço cultural e geográfico, posto que abriga em seu território um significativo contingente populacional indígena⁴. Roraima faz fronteira internacional com a República Cooperativista da Guiana (antiga Guiana Inglesa) e a República Bolivariana da Venezuela, divisando ainda com os estados do Amazonas e Pará (BARBOSA, XAUD E SOUZA, 2005, p. 11).

Nesta tríplice fronteira convivem três línguas nacionais e várias línguas indígenas. A área estadual conta hoje com 32 terras indígenas homologadas. Em relação aos demais estados da Região Norte, Roraima se distingue por ter quase a metade de sua superfície destinada para áreas indígenas, com destaque às que possuem as maiores extensões, a saber, São Marcos, Wai-Wai, Waimiri-Atroari, Yanomami e Raposa Serra do Sol - TIRSS⁵.

A TIRSS é um dos maiores territórios indígenas do país, com 1.743.089 de hectares de área contínua, ocupando 7,7% da área do Estado de Roraima, abrangendo três municípios de Roraima: Normandia, Pacaraima e Uiramutã (BARBOSA, XAUD E SOUZA, 2005). Dentro desse contexto é que o este estudo procura realçar as discussões sobre as narrativas orais, uma vez que ainda hoje não é bem vista no campo acadêmico, porque o termo designa o que é relativo à tradição oral, perfilando sobre o relato de vida, memórias familiares e histórias vivas e atuais que surgem do meio do povo.

A cada dia que passa as histórias orais nas comunidades indígenas estão dissipando e fenecendo com seus últimos anciães. Por isso, mergulhamos no campo atraente da tradição oral, na intenção de realizarmos uma análise da lenda *O Morveção*, contada por Severino Barbosa, 97 anos de idade, da comunidade São Jorge, situada na Terra Indígena Raposa Serra do Sol - Roraima, a fim de refletirmos como as tradições culturais vivificam frente ao impacto cultural, e ao mesmo tempo revelar a *performance* do narrador ao contar as histórias presentes na sua memória.

Narrativas orais na construção de conhecimento e saberes indígenas

Desde o século XVIII, as narrativas orais desempenham uma função secundária na crítica literária, evocada como literatura marginalizada porque se manifesta em espaços coletivos. A afirmação desse teor tem como fundamento as instituições literárias, editoras, estudiosos

4 Conforme Azevedo (2011), o censo 2010 contou uma população indígena de 39.081 em Roraima; dos 12 municípios que apresentaram mais de 50% de sua população autodeclarada indígena, 4 estão em Roraima, encravados nas terras indígenas São Marcos e Raposa Serra do Sol.

5 Ver: Instituto Socioambiental - ISA, www.ti.socioambiental.org; Portal do Governo de Roraima, www.rr.gov.br.

conservadores, e por essas narrativas emergirem das classes “subalternas”. Entretanto, contrário a esse pensamento, qualquer discurso é uma narrativa e, a “narrativa propriamente dita emerge em algum lugar de uma série contínua de fatos de cultura” (ZUMTHOR, 2010, p. 52), como nos mitos, nas lendas, nos contos, nas fábulas e em outros que até hoje sobrevivem de forma duradoura por meio da oralidade.

No passado a narrativa oral ainda era uma questão de sobrevivência, visto que muitas culturas estavam mantidas apenas na memória de alguns anciãos contadores de histórias. Com isso, podemos compreender que a narrativa oral de qualquer sociedade é capaz de proporcionar informações para aclarar sobre a cultura e os valores de um povo. Em São Jorge, por exemplo, os moradores recorrem de modo contínuo à experiência de Severino, ancião de idade mais avançada da Comunidade, que mantém viva, na memória, as histórias do seu povo. A valorização do conhecimento, a competência comunicativa e os anos de vida fazem com que Severino ocupe um lugar de destaque na Comunidade, legitimando-se como narrador.

Desse modo, o pano de fundo sobre as narrativas orais são pensadas para verificar se uma sociedade pode ser representada pelas suas histórias, deixando marcas que possibilitam a identificação de modos específicos de sua cultura. Zumthor afirma que

[...] é inútil julgar a oralidade de modo negativo, realçando-lhes traços que contrastam com a escritura. A oralidade não significa analfabetismo, o qual, despojado dos valores próprios da voz e de qualquer função social positiva, é percebida como uma lacuna (ZUMTHOR, 2010, p. 24).

O autor é preciso quando chama a atenção para o fato de que a oralidade não existe apenas no contexto onde não há a escrita. A oralidade se constitui em todas as sociedades porque faz parte da natureza humana. A lenda a que nos referimos é uma forma de narrativa recorrente na nossa cultura. Por isso, surge a indagação: quem nunca relatou uma história envolvendo fatos do cotidiano passado ou presente? Para isso, Barthes (2008) menciona que as narrativas são contempladas por homens de diferentes culturas. Portanto, é um engano descartar tal herança, aplicando rótulos como “primitiva, selvagem ou inculta” (HAVELOCK, 1995, p. 27).

As narrativas orais não são somente para a classe de pessoas menos privilegiadas, nem tão pouco se constitui em informações para serem transmitidas às novas gerações, mas é um intercâmbio de experiências, uma conversa para externar os conhecimentos e os anseios de uma sociedade. O narrar está imbricado no homem, já que passamos a maior parte do tempo contando nossas experiências passadas e os casos do cotidiano. Contar história é uma maneira particular em nossa cultura de projeção de significados para o conhecimento da humanidade.

A arte de contar histórias sustentou até hoje os estudos a respeito da história da humanidade, por isso está presente na sociedade contemporânea porque as histórias são vivenciadas desde os séculos passados. Quando Severino narra as histórias de seu povo, as palavras são acompanhadas de lembranças. Isso nos leva a refletir como essas pessoas conseguem guardar na memória, ou mesmo lembrar-se de fatos que não vivenciaram. Esses fatos só podem ser lembrados “porque fazem parte de um cânone de memória escolar, institucional, política e até familiar” (SARLO, 2007, p. 90). Ou seja, só lembramos o que nossos pais lembravam.

Sarlo ainda comenta, sob a perspectiva de Marianne Hirsch, que esse tipo de lembrança é chamado de “pós-memória”, e significa “a reconstituição memorialística da memória de fatos recentes não vividos pelo sujeito que os reconstitui”, isto é, “a memória dos filhos sobre a memória dos pais” (2007, p. 91). Foram as experiências dos antepassados que informaram a Severino as histórias que hoje ele repassa como se ele as tivesse presenciado. O narrador está impregnado de histórias, conhecimentos e saberes que não foram apreendidos em escolas. Na cultura indígena, a construção do passado, por meio de relatos e representações, é muito comum, porque é um meio das tradições se manifestarem no presente.

As narrativas originárias da tradição indígena têm conquistado novos espaços, sendo apreciadas e recontadas por diversos escritores. Zumthor (2010) tem chamado atenção, nas últimas décadas, para a valorização das tradições orais como forma de acesso ao passado, sobretudo, suprimindo as “brechas” deixadas pela documentação escrita. O oral e a escrita se opõem no modo de elaboração das narrativas quanto à sua transmissão.

Para melhor definir esse painel, a observação não visa recusar a utilidade da escrita, mas antes mostrar que a “oralidade não se define por certos caracteres da escrita, da mesma forma que esta não se reduz a uma transposição daquela” (ZUMTHOR, 2010, p. 34). Nesse sentido, buscamos o lugar da oralidade que, de certa forma, foi renegada e, como bem observou Zumthor (2010), reprimida por uma “mentalidade escritural”.

A oralidade não se reduz a um contexto totalmente da palavra verbal, mas a *performance* narrativa, que abrange espaços e comunidades de ouvintes envolvidos no ato da narração. A *performance* designa um ato de comunicação, que surge como uma ação oral-auditiva complexa, pela qual uma narrativa é simultaneamente transmitida e percebida (ZUMTHOR, 1993, p. 222). O autor ainda classifica como *performance* o texto concretamente realizado pela voz, numa produção sonora: expressão e fala juntas no bojo de uma situação transitória e única (*op. cit.*, p. 219). Esse conjunto é capaz de tornar a narrativa oral prazerosa, de modo que envolve o ouvinte numa atmosfera de magia e práticas sociais, como veremos na análise seguinte.

Entre o ouvir e o interpretar

Benjamin considera o narrador como “o homem que transmite o seu saber”, sendo, portanto, “um lapidador” (1994, p. 220). Não temos dúvida que grande parte da história da humanidade, impressa da oralidade, perdurou por causa do papel essencial que exerceram os contadores de histórias. O narrador conserva os valores culturais e, à medida que repassa esses valores, se utiliza da *performance* para dar mais realidade ao que conta. A transmissão dos valores é tão normal em São Jorge, que Severino repassa o ofício de fiar ao seu filho. Por ser a pessoa mais idosa da Comunidade, Severino conserva os costumes e as tradições dos antigos. Por isso, encarregou-se de instruir um de seus filhos para exercer a função de pajé e de contar as histórias, para que se perpetuassem os feitos do seu povo.

Dada a capacidade de fabular, o homem capta nas histórias o sentido de tudo que não pode explicar, e a palavra é o instrumento essencial para a construção de sentidos e significados que são intensificados nas histórias. Existem histórias que tentam explicar os fundamentos da humanidade. Outras que falam do sagrado e do mito, e aquelas que não são apenas para o deleite do ouvinte, mas para explicar o comportamento, a conduta e o costume de uma sociedade.

Assim, as histórias são transmitidas de forma duradoura, transportadas pelas palavras impregnadas de magia e poeticidade, divulgando o modo de vida de muitas civilizações, como podemos observar no breve resumo da lenda *O Morcegão*. A narrativa descreve sobre os fortes guerreiros indígenas que fizeram uma armadilha na intenção de matar um animal (*O Morcegão*) que pegava as crianças para comê-las no cume da serra. Para efetivar o feito, resolveram colocar uma velhinha como alvo (conforme o narrador, não tinha mais serventia para a tribo) com a finalidade de descobrirem a morada do morcegão. O plano deu certo, descobriram o esconderijo do animal, porém, quando chegaram ao local a velhinha já tinha sido devorada, e somente encontraram muitas caveiras.

Quando os indígenas avistaram o morcegão pendurado de cabeça para baixo, acertaram a flecha nele que, em seguida, caiu no chão morto. Só depois que se aproximaram viram que era um morcegão grandioso. Pois, ainda hoje os indígenas não vão para aquele lugar porque ainda têm medo. A história traz muitas discussões, pois uns dizem que tudo que aconteceu foi culpa do pajé que fazia feitiço, então, puseram fogo nele e o mataram.

Sisto afirma que “o homem já nasce praticamente contando histórias. Está inserido numa história que o antecede e com certeza irá sucedê-lo (2001, p.91). Severino Barbosa, por exemplo, nos conta as histórias que ouviu de seu pai e, que possivelmente ainda vão se eternizar,

porque repassou ao seu filho o ofício de contar histórias e isto é um sinal do passado, exercendo um “poder de perpetuação, voluntária ou involuntária” (LE GOFF, 1994, p. 546). Nesse sentido, histórias são repassadas porque:

[...] existe um legado entre os contadores, através do qual um contador transmite suas histórias a um grupo de “sementes”. As sementes são contadores que, segundo o que o mestre espera, irão preservar a tradição como a aprenderam. Como as “sementes” são escolhidas é um processo misterioso que oferece um desafio a uma definição exata, pois ele não se baseia num conjunto de normas, mas, sim, num relacionamento (ESTES, 1997, p. 567).

Na atualidade da Comunidade São Jorge, este repasse repousa na relação pai e filho, sem que tenha sido levantada pelos narradores qualquer explicação para isso. A semente plantada de geração a geração fez com que *a lenda O Morceção* floresça ainda hoje na Comunidade, porque tem sido preservada na memória e no corpo de narradores como Severino ao longo tempo, ainda que São Jorge não seja mais um lugar isolado e sujeito a mistérios e perigos inexplicáveis.

Nela aparece o imaginário indígena repleto de ensinamentos. O imaginário ao qual nos reportamos são as representações simbólicas que dão sentido à realidade proclamando valores e formas de ser de uma Comunidade. Para a definição do imaginário nos referimos ao estudo de Bazko, para quem o imaginário está ligado ao processo de construção de um grupo social ou nação, pois “através dos seus imaginários sociais, uma coletividade designa sua identidade, elabora uma certa representação de si, estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns” (1985, p. 309).

O imaginário não é visto como um domínio sem movimento, que não pode transportar, mas ele muda de acordo com os compassos da história, e, através destas mudanças é possível ler e apreender o funcionamento mais vasto de uma sociedade (LE GOFF, 1994). Quando Severino contou a lenda *O Morceção*, manteve presente um imaginário fundado em lembranças de um passado real e imaginado, mas dotado de uma força e de uma verdade que transcendem o tempo, evitando, com isso, o esquecimento de eventos narrados pelos ancestrais.

O terror imposto pelo morceção, os perigos que advêm do desconhecido podem e devem ser enfrentados, neste caso, prevalecendo o modo coletivo de resolver, de deliberar e de agir. Neste aspecto, verifica-se que toda a ação é realizada em grupo, bem como o consenso quanto ao “sacrifício” da vovozinha pelo bem comum, podendo-se observar aí uma marca identitária relevante para os grupos indígenas, ressaltada não só por eles, mas, também, pelos não indígenas.

A voz que ecoa nesta lenda é a de um narrador heterodiegético, porque remete ao privilégio da onisciência e utiliza o discurso indireto para apresentar os personagens, tendo em

vista que tem amplo conhecimento do enredo, isto é, da camada imaginária que lhe dá forma e significado. Além disso, as personagens são miscigenadas entre animais e pessoas, o universo fantástico é aprofundado e a temática é relacionada com a formação social e cultural do mundo indígena.

Acredita-se que, por isso, as histórias indígenas são tão atrativas e merecem ser consideradas. A narrativa urge uma trama e ocorre aqui um processo de mão dupla: por um lado aparece o morcego que se alimenta de seres humanos; por outro lado, os indígenas conspirando e agindo coletivamente para surpreender o animal e matá-lo. No Brasil não há muita tradição sobre histórias com morcego. Entretanto, no cenário indígena roraimense, ele aparece como um dos personagens das histórias narradas por Severino. Sobre os morcegos, Cascudo menciona que no Sul e Centro “suas proezas são empurradas para a culpa do Saci-Pererê, como furar as frutas guardadas e provocar os ruídos estranhos, etc.” (1988, p. 504).

Nota-se que, a princípio, os indígenas não sabiam quem roubava e matava as crianças, e o narrador, somente no final da história, deixa claro em que momento descobrem que se tratava de um morcego grande, mas podemos pensar que este animal aparece aqui por ser noturno e por ser sempre hematófago, estigma que alimenta um imaginário amplamente difundido no meio rural e urbano, não sendo diferente no lavrado roraimense, que além disso ainda é pontuado por grutas e cavernas.

No momento em que Severino contava a história do morcego introduziu a língua Makuxi por diversas vezes, mas em seguida revelava o dito para o Português. Essa necessidade de introduzir sua língua materna é a marca de sua identidade indígena e, também um recurso narrativo. Como bem lembra Cascudo, se ele contasse somente na Língua Portuguesa “desfalcava em grande percentagem os valores reais (...) e faltaria a excitação verbal do vocábulo habitual” (2006, p. 12). Pode-se dizer, portanto, que o uso da língua Makuxi constitui um recurso performático importante, na medida em que Severino falava no plural, falava do coletivo, se remetia ao seu grupo de pertença.

A lenda é uma narrativa breve, cujo texto até então só existia na oralidade, marcada por um vocabulário simples, por isso não encontramos interstícios para uma linguagem canônica. Sobre a brevidade, Norman Friedman, citado por Abdala Junior, afirma que “a questão não é ser ou não ser breve, mas é provocar ou não maior impacto no leitor” (1995, p. 17).

Quando Severino narra a história apresenta e representa os momentos mais marcantes, porque as “narrativas devem ser expostas de acordo com o efeito que exercem sobre o ouvinte” (DUNDES, 1996, p. 44) e, é nesse momento que o estrato imaginário se consolida e se cristaliza. Aqui, a palavra se converte numa espécie de arquiopotência, onde radica todo o ser e todo o

acontecer (CASSIRER, 2011, p. 64). Por isso, provavelmente se encaixa o uso dos vocábulos em língua Makuxi.

Na verdade, à medida que Severino destaca um fato, a sequência das ações são valorizadas e mais detalhadas por ele, por meio de gestos e inflexões, com a intenção de elevar o ponto em que os acontecimentos ganham o máximo de tensão, como observamos nas imagens seguintes:



Foto: Georgina Silva.
 Figura: Severino narrando a lenda *O Morcegão*.
 Local: Comunidade São Jorge, 2011.

No caso desta narrativa, a expressão corporal utilizada por Severino foi fundamental para auxiliar a palavra e encantar o ouvinte no momento em que relatava sobre o modo como os indígenas conseguiram flechar o morcegão. Como se vê, a ação pressupõe a existência de personagens. No momento em que os indígenas conseguem matar o animal, os traços de herói se tornam conhecidos, aparecendo como guerreiros diante da Comunidade. Mais do que entreter e assombrar, as lendas indígenas como *O Morcegão*, remetem à produção cultural de um povo, suas crenças e anseios e suas identidades. Por ser da oralidade, alguns estudiosos se referem a elas como pouco diversificadas, ínfimas ou dotadas de excessivas variações. Porém, para este estudo não importa o motivo com que as lendas são contadas ou que dizem sobre elas. Mas, o que ansiamos sublinhar é que a voz performancial busca propagar a virtude e os valores de uma sociedade, todavia, não podemos esquecer também que a palavra falada e a linguagem corporal conjugam-se na constituição da narrativa que adquire múltiplas funções: ensinamento e ordenamento social, entretenimento, aguçamento das sensibilidades, coesão social diante do desconhecido e dos perigos.

Por enquanto...

Para os indígenas, especialmente os mais velhos, a oralidade é a força vital em torno da qual saber ouvir e saber contar são indispensáveis para o grupo dar mais significação ao que é dito. Os gestos utilizados pelo narrador foram os mais diversos. A cada história relatada o braço levantava, as mãos se estendiam para apontar ali e acolá, as expressões faciais insurgiam de acordo com o que descreviam sobre os relatos de vida ou os episódios da Comunidade. Esse foi um momento complexo, porque da memória as lembranças saíam como um turbilhão. Era um momento único, visto que narrador é um “mestre do ofício que conhece seu mister”, como observou Ecléa Bosi, pois esse talento vem da experiência, de lições que extraiu da vida, e sua dignidade está em contá-las “até o fim, sem medo” (1994, p. 91).

A oralidade está ligada a uma conjunção narrativa harmoniosa que agrega palavras e gestos, voz e corpo, e a *performance* narrativa, designada como ato de comunicação do presente, isto é, o momento exato em que o narrador conta as histórias e o ouvinte as recebe. As narrativas orais indígenas, sejam lendas ou mitos, estão carregadas de desfechos extraordinários que descortinam as possibilidades de divulgação e de apreensão de valores e costumes, estimulando o respeito à diversidade.

Portanto, não podemos desconsiderar as narrativas orais indígenas por sua “suposta” instabilidade narrativa e flexibilidade literária, mas considerá-las porque elas procedem de uma cultura complexa e são um instrumento de representação social destes povos. No caso da narrativa oral aqui analisada, fica a certeza de estarmos contribuindo para a reflexão sobre a oralidade no cenário acadêmico, para que os povos indígenas, sua cultura e sua literatura possam ser conhecidos e reconhecidos, no contexto das relações etno-culturais ainda bastante desiguais no Brasil.

REFERÊNCIAS

- ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Introdução à análise da narrativa**. São Paulo Scipione, 1995.
- BARBOSA, Reinaldo Imbrózio; XAUD, HaronAbraham Magalhães e SOUZA, Jorge Manoel Costa e. **Savanas de Roraima: etnoecologia, biodiversidade e potencialidades agrossilvipastoris**. Boa Vista: FEMACT, 2005.
- BARTHES, Roland *et al.* **Introdução à análise estrutural da narrativa**. Trad. Maria Zélia Barbosa Pinto. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.
- BAZKO, B. **Imaginação social**. EncicopédiaEinaudi, Anthropos-Homem.Portugal: Imprensa Nacional/Casa da Moeda,1985, v. 5, p. 296-332.
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In:Magia e técnica, arte e política*. Obras escolhidas. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- CASCUDO, Luis da Câmara: **Literatura Oral no Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

- _____. **Dicionário do folclore brasileiro**. Belo Horizonte: Itaitaia: São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.
- CASSIRER, Ernest. **Linguagem e mito**. Trad: J. Guinsburg; Miriam Schnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DUNDES, Alan. **Morfologia e estrutura no conto folclórico**. Trad. Lúcia Helena Ferraz, Francisca Teixeira e Sergio Medeiros. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- ESTES, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**. Mitos e histórias do arquétipo da mulher selvagem. 11 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, p. 454.
- HAVELOCK, Heri. **A equação oralidade – cultura escrita: uma fórmula para a mente moderna**. In: Cultura escrita e oralidade. David R. Olson e Nancy Torrance. São Paulo: Ática, 1995.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão *et al.* Campinas-SP: UNICAMP, 2010.
- PIZARRO, Ana. **Amazônia as vozes do rio: imaginário e modernização**. Trad. Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.
- SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Chapecó: Argos, 2001.
- ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Trad. Jerusa Pires Ferreira, *et al.* Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- _____. **A letra e a voz**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Resumen: Las narrativas orales indígenas fueron de gran influencia para la composición cultural brasileña y hasta los días actuales divulgan las costumbres, las creencias y las tradiciones de las sociedades indígenas. En este sentido que las narrativas orales revelan una flexibilidad que difiere la cultura oral indígenas de otras, y al mismo tiempo comparten que las historias indígenas no son privadas de un padrón de organización Así, este estudio tiene como objetivo analizar la leyenda “O Morceção”, con el fin de reflejar las tradiciones culturales fortifican el impacto cultural, además de revelar la *performance* del narrador al contar historias presentes en su memoria.

Palabras Clave: Oralidad; Narrador; *Performance*.